

O LIRISMO JUVENIL DE MARTINS NAPOLEÃO NA LITERATURA PIAUIENSE

Rosielson Soares de Sousa (UFT)
rosielson.soares@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho constitui-se de uma seleção de poemas do escritor piauiense, Benedito Martins Napoleão do Rego. Para este estudo, foi necessário um mergulho na teoria literária aplicada à literatura infantil, acerca dos elementos temáticos e formais que possibilitam identificar um poema como texto literário adequado à leitura de crianças e jovens. Identificando os pressupostos poéticos do texto para leitura dos infantes, a investigação culminou na seleção de um conjunto seletivo de poemas acessíveis a tal público. Nessa direção, os resultados apontam que parte da obra de Martins Napoleão tem importância relevante à poesia infantojuvenil e que os textos selecionados podem ser bem acolhidos por alunos do ensino fundamental, os quais, dessa forma poderão usufruir da leitura de textos poéticos de alto valor estético.

Palavras-chave: Poesia infantil. Literatura piauiense. Martins Napoleão.

1. Introdução

Este trabalho volta-se ao estudo da obra poética do piauiense Martins Napoleão. Sabendo do desconhecimento local/regional/nacional sobre o autor e da escassez de estudos científicos sobre o poeta, a pesquisa vem contribuir para que este saia do anonimato, tendo como escopo principal, buscar a formação de um *corpus* de poemas que possa ser utilizado na formação de uma literatura infantojuvenil.

A rigor, a gênese da literatura infantojuvenil é a poesia infantil. Então, o que vem a ser poesia infantil ou o que é poesia infantil?

Inicialmente, a poesia infantil precisou “beber” em algumas fontes, tendo em vista uma melhor forma de se autoestruturar. E uma dessas fontes foi o folclore.

Essa parceria entre poesia e folclore se formou, uma vez que aquela queria encontrar as sensações das cantigas de roda e de ninar. A questão era fazer com que crianças e adolescentes percebessem na poesia algo que se assemelhasse ao acalanto e que, por sua vez, era próprio do folclore e, por conseguinte, da poesia folclórica.

Segundo Bordini (1991), o acalanto é utilizado como o movimento inicial, entre poesia e folclore, sendo que esse uso seria o verdadeiro gatilho da posterior sensação da criança para com a poesia. Esse caminhar não foi por acaso, mas teve um real objetivo que seria o de formar leitores de poemas desde a mais tenra idade.

Atualmente, alguns estudiosos, como Gardner (1994) e Bordini (1991), apontam a relevância da leitura de textos poéticos para o desenvolvimento das potencialidades cognitivas e linguísticas dos leitores jovens.

Vale ressaltar também que a conexão entre, poesia e folclore, só foi possível, porque ambas abordam aspectos, como o ritmo e as particularidades sonoras das palavras. É repetindo versos, aliteraões e estrofes que a atuação sobre o plano *melopeico* dos poemas ocorrerá, sendo justamente aí que a criança manterá o contato com elas, no domínio da sonoridade. Outro aspecto da poesia é desvendar as imagens compostas de um poema, é significar o jogo armado do poeta. Surge aí o que Pound denomina “*fanopeico*”, imagético. Nessa estrutura do texto poético, as metáforas e as metonímias, exploram as imagens, isso significa proporciona-lhe jogos de associaões de vocábulos, desencadeando na imaginação a construção de imagens no território do fantástico. O último aspecto o *logopeico*, as ideias e os conceitos criam condições necessárias para a construção daquilo que se quer dizer, faz com que a construção da “mensagem” poética se evidencie efetivamente.

Portanto, aqui, trataremos de elementos como temática, faixa etária e apreensão emocional, a fim de formar um *corpus* de poemas próprios para o público infantojuvenil.

Por sua importância, a poesia acompanha o homem desde seu nascimento, esse contato se dá exatamente através da poesia folclórica, jogos com sons, conceitos e vivências fantásticas, brincadeiras, cantigas de roda, parlendas, enfim, esses são os momentos que chamam a atenção de qualquer criança, essas iniciaões a esses tipos de linguagem desenvolvem o prazer de ler poesia. Podemos dizer que, neste artigo, o fundamental é mostrar a coletânea de textos pesquisados (mesmo que de forma reduzida), pois o objetivo também é fazer com que a escola e a sociedade reconheçam o valor da poesia para a formação de leitores, tendo em vista que, desde o berço, em forma de acalanto, temos contato com ela, embora com o tempo, esqueçamos essência real do sentir poético.

Desde já, percebemos que estamos diante de um uso especial da palavra. Conforme Glória Maria Fialho Pondé:

A poesia, assim como o pensamento infantil, tem uma lógica metafórica que privilegia a imagem, atribuindo uma força maior à palavra, que se torna concreta e mágica, pois retoma o sentido original da coisa que representa. Portanto, a palavra, em vez de *representar* apenas, passa a *apresentar*, por intermédio da imagem. (1982, p. 124)

Por fim, a respeito do desenvolvimento da literatura infantojuvenil, no Brasil, e embora esse gênero seja pouco explorado por autores regionalistas, a análise das obras do autor em estudo revela a possibilidade de alguns dos seus poemas se tornarem leitura acessível ao público juvenil. A pesquisa encontrou, nas obras analisadas, poemas que antes não estavam ao alcance desses leitores, mas, em função deste trabalho, poderão ser aproveitados para o deleite desse público.

2. *Martins Napoleão*

Personalidade versátil e de talento multifacetado, o poeta Benedito Martins Napoleão do Rego foi professor, ensaísta, crítico literário e jurista. Um dos maiores poetas da literatura nacional. É uma glória das letras piauienses. Bacharel em direito, lecionou em Teresina nos colégios: Diocesano e Sagrado Coração de Jesus. Os pais: Artur Napoleão do Rego e Olímpia Martins do Rego. Professor e diretor do Liceu Piauiense. Mestre de Direito Constitucional na antiga Faculdade de Direito do Piauí, diretor-geral da Instrução Pública, elaborou a reforma orgânica do ensino estadual em moldes de alto nível pedagógico. Pioneiro da instituição de plano de escolas de iniciação agrícola. Membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação. Emérito educador. Foi um iluminado preceptor de várias gerações, consultor e diretor do Departamento Jurídico do Banco do Brasil. Integrou a equipe jurídica da Casa da Moeda. Exerceu na administração pública do Estado as mais importantes funções: diretor do Departamento de Municipalidades, secretário-geral do Estado e interventor federal. Renomado escritor. Tinha uma cultura que raiava uma enciclopédia. Pertenceu a Academia Piauiense de Letras.

3. *Um homem das letras: vida e obra*

Benedito Martins Napoleão do Rego nasceu em União (PI) a 17/03/1903. Era originário de família rica e de expressão na mesma cida-

de, os Rego Monteiro. Era filho de Arthur Napoleão do Rego e Olímpia Martins do Rego. Os pais queriam pelo menos um filho advogado, um médico e um padre. Isto era evidente na educação dos filhos daquela época, na verdade eram preparados para isso. Os filhos eram destinados para faculdades na Bahia, Rio de Janeiro ou Recife, mas uma coisa é certa, as impressões infantojuvenis deste autor, como também daqueles que tiveram que estudar fora, ficou afixado, aderindo, por conseguinte, na alma dessas pessoas, incluindo aqui obviamente Martins Napoleão.

Mesmo estando longe de sua terra natal, poetas como Martins Napoleão conseguiram reproduzir com uma nitidez indelével, acontecimentos, fatos e lugares que fizeram parte de sua infância, fato comprovado pelo, *telurismo* influência do solo de uma região nos costumes, caráter etc., dos habitantes.

Essa personalidade é uma glória das letras tanto no aspecto estadual quanto nacional, e sua morte causou uma lacuna nos estudos sobre os quais fazia, seja como: educador, prosador, orador, poeta e crítico literário, aspectos esses tão fáceis para ele que lhe permitiam um manejo incomum com as palavras.

Formou-se em ciências jurídicas e sociais em 1936, como integrante da 2ª turma da Faculdade de Direito do Piauí. Iniciou sua carreira literária em jornais e revistas, auxiliar de telegrafista em Salvador (BA). De 1919 a 1924, viveu no Rio de Janeiro, como operário no antigo Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Regressando ao Piauí, exerceu os cargos de interventor do Estado, professor e redator do jornal *O Piauí*. Em 1946, voltou ao Rio de Janeiro, como advogado, chegando ao cargo de assistente da consultoria jurídica do Banco do Brasil S.A., do qual foi também consultor jurídico e chefe de consultoria.

Com a morte, a 28 de agosto de 1928, do polígrafo e poeta Abdias da Costa Neves, Martins Napoleão foi eleito para sua vaga, na cadeira de número 11 na Casa de Lucídio Freitas. Martins Napoleão foi o 4º presidente da entidade, onde desenvolveu grandioso trabalho, tal seu grande amor ao problema cultural do Piauí.

Sua escrita, seja ela no campo da poesia ou da prosa, nos mostra características inerentes. Há nelas o mais alto sentimento estético, lamentando-se o esquecimento pelo qual o presente poeta passa em seu Estado como o enorme vácuo da sua morte na literatura piauiense e brasileira.

Seu falecimento ocorreu no Rio de Janeiro, em 30/04/1981, sendo sepultado a 1º de maio, em Teresina (PI), com o comparecimento de familiares, amigos, admiradores e membros da Academia Piauiense de Letras.

Ao analisar sua obra, observa-se que o mesmo escreveu poesias peculiares que tinham como características estruturas de cunho filosófico, além de possuir um humanismo e uma religiosidade bem explícitos.

Martins Napoleão se considerava neoclássico. Ele mesmo se definiu assim:

Se me fosse possível definir-me, diria que sou um neoclássico – um clássico renovado e em permanente renovação: romântico no fundo e clássico na forma. Não sei porque podem encontrar em mim influência de Byron, pois a ele sempre preferi os grandes de seu tempo: Keats e Shelley, aos quais talvez deva um pouco da difusa melancolia dos meus versos. Se constituí influência o deixar-me contaminar pela arte e pela beleza expressa por outrem, tenho dívidas com todos os antigos e modernos que leio apaixonadamente. A poesia, a meu ver, é como a pintura: cada qual, do seu ângulo, a ela reage de maneira própria. Não somente entre as pessoas as verdades são mil, como queria Luigi Pirandello, mas também entre as criaturas de arte. (MATOS, 1994, p. 22).

4. A poesia infantojuvenil de Martins Napoleão: seleção e análise

Nesta pesquisa ocorreu o levantamento bibliográfico e de dados biográficos do poeta Martins Napoleão, como a assimilação dos conceitos de literatura e literatura infantojuvenil pelo “pesquisador”, investigando neste interstício, temas e recursos da literatura e da escrita produzida pelo autor em evidência.

O conjunto de obras levantados do poeta Martins Napoleão, exclui apenas *Folhas Soltas ao Vento*, que reúne sua produção em prosa. Interessando a esta pesquisa somente sua produção poética, constituída dos seguintes livros: *Copa de Ébano* (1927); *Poema Ocultos* (1930); *Poemas da Terra Selvagem* (1940); *Caminhos da Vida e da Morte* (1941); *Poemas Humanos e Divinos* (1942); *O Prisioneiro do Mundo* (1943); *Opus 7* (1953); *O Oleiro Cego* (1956); *Tema, Coral e Fuga* (1966); *A Casa Inacabada* (1981); *Cancioneiro Geral*¹ (1981).

¹ Publicado em dois volumes (1981), compreendendo todas as obras poéticas enumeradas aqui, tendo sido, no mesmo ano, editado pelo governo do estado do Piauí e em (1999 e 2003), pela Universidade Federal do Piauí.

Convém ressaltar que estudar as obras elencadas foi um desafio, pois as obras se encontram, atualmente, inacessíveis, já que suas edições estão esgotadas.

Ademais, o estudo dessas obras abriu para os pesquisadores de literatura, o universo poético do escritor, revelando o seu fazer literário para o público jovem, mesmo o autor não tendo a intenção.

Seguem alguns dos poemas selecionados e análises para a constituição da coletânea de poemas para o público jovem.

Versículos de Salomão

Eu pensava nas coisas eternas:
na essência da verdade e da beleza.

Eu pensava nas coisas eternas,
Quando ofereceste a boca matinal
à sede do meu beijo.

(Como posso, Senhor, recusar, sem soberba,
o fruto macio e orvalhado
que a árvore dadivosa atirou aos meus pés?...)

(Revista Presença, p.9)

Por se tratar de um poema que trata da temática amorosa, ressaltando a experiência do beijo, e as sensações deste ato, a proposta de leitura é interessante para adolescentes, tendo em vista que, nesse estágio da vida, o tema abordado pelo poema é recorrente.

Essa leitura é apropriada para jovens a partir de 13 anos, pois os mesmos, além de possivelmente estarem experimentando sensações e emoções a partir do primeiro beijo, também já possuem um maior discernimento em relação à leitura de poemas.

Tormenta

Toda essa noite, furiosamente,
o vento sacudiu as roseiras carregadas
e derramou as rosas pelo chão.

Também o Amor, como o vento noturno.
Abalou meu coração até as raízes,
e as lágrimas rolaram no meu rosto
como as rosas no chão...

(Idem, ibidem, p. 9)

A reflexão comparativa, evidenciada pelo poeta, traz a temática do amor e do sofrimento, enfocando efetivamente, o primeiro sentimento – o amor; no entanto, são situações que um jovem, já pode ter vivenciado, e é a partir disso, que ele poderá se identificar com o eu – lírico e reconhecer a si próprio e a sua situação existencial no poema lido.

Esse poema é ideal para jovens de 13 a 15 anos, pois são acontecimentos recorrentes do despertar de sentimentos desconhecidos - até então. Esta leitura faz com que os jovens se apercebam do conflito interior, tratando de sentimentos e emoções que são complexos. Enfim, a confusão no despertar de tais sentimentos, é um amor que faz chorar, podendo ser de tristeza ou alegria. É um verdadeiro paradoxo.

Um momento, na minha cidade humilde

No largo antigo, ao luar,
dançam as crianças a Ciranda e cantam:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

A igreja, as casas, todo o céu e o mundo
dançam com elas nesta noite ao luar:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

Num raio de luar leves e fluidos
meus irmãos que morreram, vêm descendo...

Ciranda, Cirandinha:
vamos todos cirandar!

Vêm descendo para entrar na ronda,
com o céu que minha mãe teceu de pranto...

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

Dançam e cantam, simples, de mãos dadas,
e a cidade ao luar é um sonho de criança...

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

(E eu com esta vontade louca de chorar!)

(Idem, ibidem, p. 10)

Neste poema, percebe-se a forma musicada, pois o autor constrói um novo poema, buscando dialogar com uma cantiga de roda, *Ciranda, Cirandinha*, incorporada ao folclore brasileiro, no entanto, ele busca trabalhar e atrelar suas rimas, junto a tal canção de roda, tomando sempre o cuidado de manter a musicalidade proposta pelo poema.

Como é um poema muito ritmado, essa característica atrai a atenção do leitor infante, podendo ser lido por crianças a partir dos 11 anos de idade. Estes, por sua vez, poderão identificar, no poema, outros contextos, além do musical, como o da brincadeira, pois a cantiga fala de uma forma de brincar da infância, e da infância de antigamente. Assim, outro meandro a se percorrer também seria o de introduzir a partir da leitura do poema, textos do folclore.

Epigrama noutra manhã de sol

Quando as crianças entraram no parque naquela manhã
todas as roseiras arrebutaram em gargalhadas
vermelhas de rosas...

(Idem, ibidem, p. 16)

Chama a atenção por ser primeiramente, um poema pequeno, aguçando a imaginação e despertando os primeiros passos na leitura poética, sendo apropriados para a idade de 10 anos, evocando principalmente desde a mais tenra idade, a verdadeira essência do poema, que é a emoção, o sentimento estético que é inerente à composição poética em geral, característica encontrada neste poema.

Dístico de ironia e piedade

Na cidade sem esgotos as crianças morreram de tifo,
Mas, nos jardins do Prefeito, as rosas florescem imperialmente.

(Idem, ibidem, p. 16)

É um poema que chama atenção, pela forma leve com que trata uma doença, a qual fez parte da história da sociedade brasileira, podendo ser crítico-reflexivo. Aqui o autor se utiliza de uma linguagem simples, mais de informação sofisticada.

Ele faz uma comparação, mesmo que de forma sutil, entre as crianças e as rosas, usando de forma magistral, dois elementos frágeis, a fim de tornar clara uma crítica feita pelo poema, ou seja, a desigualdade existente nas classes sociais. Tão frágeis como as crianças, as rosas sobrevivem. O prefeito, como todos os ricos, tem mais condições financeiras, de manter bem sua saúde e conseqüentemente sua sobrevivência,

como também daqueles que o cercam, no caso, as roseiras. Já as crianças pobres não tendo dinheiro e nem poder, não conseguem sobreviver.

É um poema que pode ser lido por leitores a partir dos 13 anos, tendo em vista as informações implícitas nessa leitura.

Súplica

Nada farei, Senhor, por muitos dias, esperando
que me deixes cair nas mãos abertas
um feixe dessa luz que divides a tua riqueza
na manhã. Deixa-a cair nas minhas mãos em concha!

Dá-me um pouco do azul do céu como um olhar de criança
a correr para o sonho e a alegria da vida.
Deixa cair na palma das minhas mãos suplicantes
a solitária lágrima das primeiras estrelas.

Deixa cair nas minhas mãos cansadas
o orvalho da noite dos teus olhos infinitos.
Quando me deres toda essa riqueza milagrosa,

eu a recolherei no coração, Senhor,
e hei de fazer com ela, amorosissimamente,
o poema do homem agradecido à plenitude da Beleza.

(NAPOLEÃO, Martins. *O Prisioneiro do Mundo*, p. 22)

Apropriado para adolescentes de 12 e 13 anos. Trata de uma temática introspectiva no que tange a inspiração e a criatividade do ser humano. Aqui, percebe-se que o eu-lírico, pede (suplica a Deus) ideias para fazer um poema do homem, em toda sua plenitude, o que deveras ser comparado às criações do Todo Poderoso.

Retorno

Dá-me, Senhor, a paz dessas tardes tranquilas
Caindo devagar sobre os campos e as vilas.

**(A terra é como uma paisagem vaga,
mas é dentro de mim que a luz se apaga).**

Dá-me também a paz desses puros campônios
que voltam para casa, e não sabem de sonhos.

**(Não do longo trabalho estou cansado,
mas do peso do sonho carregado).**

Dá-me outra vez a paz das pequenas cidades
provincianas, das quais tenho tantas saudades.

**(Era a hora, não deste agressivo bando,
mas das crianças no largo cirandando).**

Paz do rio natal sob os astros, a andar
como um peixe de prata em procura do mar.

**(Não vêm do tempo imêmore estas águas,
porém de mim, que sou rio de mágoas).**

Não esta solidão das cidades e mais
Este abandono entre criaturas minerais.

**(Oh, no tempo sem tempo, meus amigos,
para onde foram meus dias antigos?)**

Dá-me voltar, Senhor, no caminho da vida
para encontrar então minha infância perdida.

(NAPOLEÃO, Martins. *Tema, Coral e Fuga*, p. 312 e 313)

Apropriado para alunos a partir dos 12 anos de idade. O poema em um tom telúrico evidencia saudades da terra natal e dos seus amigos o, que se comprova pela pergunta: *onde foram os seus dias antigos?* E tal questionamento acaba indo de encontro ao paradigma memorialístico, neste momento se configurando também a ambivalência na concepção de pequenas cidades e cidades. Assim, a questão telúrica é bem marcada neste poema.

Mors-Amor

Ó vida, que te dei? E que te dei, Senhor,
para vos merecer assim tamanho amor?

Nada tenho com que pagar tamanho bem

senão amando até morrer de amor. Amém!

(*Idem, ibidem*, p. 314)

Serve para adolescentes a partir dos 13 anos, por estarem descobrindo as primeiras experiências com relação ao *amor*. O poema se faz importante e revela que quando se ama realmente, de alguma forma a retribuição a esse amor verdadeiro só se dar pela demonstração de morrer de amor. A questão do amor é um importante atrativo para os jovens dessa faixa etária, por isso o poema deverá agradar o leitor jovem.

Elegia em Quatro Notas

Lágrimas, apagai-me a amada imagem do ar!

(Trêmulas, como sob a luz plenilunar,
vejo as águas do mar com o marejo olhar.)

Ó Mara! amargo é amar, mais que este amaro mar!

(*Idem, ibidem, p. 317*)

Pode ser lido por adolescentes a partir dos 13 anos, isto porque é nesta fase que ocorrem os primeiros amores e as primeiras decepções. Esta última é trabalhada de forma primorosa pelo poeta. No poema, ele consegue transportar para as palavras toda a tristeza ocasionada pela decepção amorosa.

Assim, o poema pode ser um importante aliado na questão amorosa aos jovens, sendo um momento de trabalhar o seu psíquico, quando o mesmo se relaciona com o eu-lírico do poema.

Elegia Casimiriana

Nestas tardes calmas destes vales frios,
de águas em murmúrio e folhas em ciclos,
com esta luz magoada compungindo os ares,
entendo os teus cantares,
meu pobre Casimiro:
tua poesia feita de suspiro,
como se arrancada de sofridos mares.

A saudade vaga na canção vazia
bem entendo quando a tarde pelos campos
acende pirilampos
como estrelas tristes nos caminhos do ar
para a noite passar.
Bem entendo agora quando a noite desce
com o tanger dos sinos convidando à prece.
Quando a brisa geme como o teu cartar
que faz que não se pense
mas se fique a sonhar,
e a lua fluminense o mundo empalidece.

(*Idem, ibidem, p. 319*)

Há neste poema a descrição de uma paisagem bucólica, talvez de sua cidade natal – União (PI). A saudade é um sentimento característico do eu – lírico. Isso ocasionado por estar em terras que não as fosse de sua União, pois pouco Martins Napoleão viveu lá. Morrendo no Rio de Janeiro, ele permaneceu muito tempo longe do Piauí, o que se reflete em sua poesia. Pode ser leitura para jovens de 12 a 13 anos.

Aqui neste poema, o autor também faz uma intertextualidade com o poema escrito pelo poeta Casimiro de Abreu “Meus oito anos”, essa peculiaridade mostra a versatilidade do poeta Martins Napoleão.

Elegia Lírica

Oh, o meu pensamento está disperso
em torno a ti, perdido de desejo.
Tudo, porém, que é puro no universo,
para te dar, é inútil ou sobejo.
Para me ofereceres, ao reverso,
há bem mais do que vejo: o que não vejo.

Não te dou uma rosa: dou-te um verso.
Não me dês uma rima: dá-me um beijo.

(Idem, ibidem, p. 320)

A temática amorosa mais uma vez se faz presente, através da relação fazer poético/amor. Pode-se até dizer que ficam confusos, assim como as ideias dos adolescentes na faixa etária de 13 a 15.

Essa dispersão do pensamento acontece porque é nessa fase que ocorrem as mudanças físicas e psicológicas, corpo e mente se preparam para o ingresso na vida adulta.

Lúdica

O mar está brincando com os meninos.

Correndo, o monstro avança pela praia
como a querer pegar os pequeninos,
e antes que o bando espavorido saia,
o monstro manso, lúcido e falaz,
arrebentado numa imensa vaia
ri-se do logro e corre para trás.

(Idem, ibidem, p. 321)

Pode ser lido por crianças a partir dos 11 anos de idade. Como o próprio título do poema afirma, sua temática é lúdica e, por conseguinte, pode ser lido por uma criança sem nenhuma dificuldade. Outro ponto a ser destacado é que ocorre a ligação de monstro e criança, ideias imagéticas próprias do universo infantil. Assim, este poema serve à literatura infantil.

Imagem

Que leve coisa a música no vento!
Corpo morto da luz levado no ar
por invisíveis mãos, em passo lento.

Raio de estrela trêmulo no mar,

ai de suspiração, fio de alento
que é só de suspirar por suspirar:
coisa que dói ao simples pensamento
fímbria de nuvem, réstia de luar.

Oh, nesta sombra, a música! Suave
como um bailado de crianças mortas,
quase flutuando em sonha, ou um voo de ave.

Pode a música ser tão doce e calma,
ó vento! ou serás tu que assim transportas,
embebida de lágrimas, minh'alma?

(*Idem, ibidem*, p. 337)

Apropriado para adolescentes de 13 a 15 anos. É algo inerente não só a essa fase da vida, mas a todas as fases, que é o fato de uma determinada música transmitir emoção, evidenciando todo um lado sentimental do ser humano. Aqui se evoca a música para construir, dentro de nós, a imagem de qualquer coisa e/ou sentimento que às vezes podem ser alegres ou tristes.

A comparação da música com o vento, ainda remete a duas ideias antitéticas: Natureza/Vento x Homem/Música;

Contudo, mesmo essa música sendo feita pelo ser humano, suas execuções se reverberam e se comparam a algo como o vento que é produzido pela natureza. Há neste poema também uma relação quase divina tendo em vista a pureza dos sentimentos que a música provoca em nós.

5. Considerações finais

Não se sabe o verdadeiro motivo do poeta cair no esquecimento. Talvez seja pelo fato de ter vivido e produzido suas obras, em sua maior parte no Rio de Janeiro, não tendo circulação nos perímetros territoriais do estado do Piauí. Outro motivo possível seja seu nome estar em segundo plano pela crítica atual, frente a outros poetas.

Entretanto, é através de pesquisas como esta que podemos fazer justiça ao autor, que poderá passar a ser conhecido e estudado pelo grande público. O Piauí precisa recuperar a memória de seus escritores, que, num passado ainda recente alcançaram grande êxito literário. O poeta e

escritor cearense Artur Eduardo Benevides corrobora esse pensamento, afirmando:

A verdade é que o Brasil não conhece a si mesmo, do ponto de vista cultural, havendo muita carência de informação sobre tudo quanto se realizou nos Estados, ao longo do processo de formação e consolidação de nossa literatura regional, só conhecida através dos autores de maior expressão, que atravessaram, com o valor de suas obras, as fronteiras da Província. Há, porém, outros autores, igualmente importantes, que continuam esquecidos, ao lado de eventos históricos da maior significação [...]

Assim sendo, os resultados finais aos quais chegamos sobre a obra e o poeta Benedito Martins Napoleão do Rego, é que ele mostra um modo original de escrever e que poderia e deveria ser utilizado pelos professores em suas salas de aulas. Dessa forma, os textos selecionados pela pesquisa servirão para conectar a poesia piauiense a esses leitores jovem, desenvolvendo, sem sombra de dúvida, o senso estético desses leitores.

O poeta analisado escreve para o público em geral, mas muitos de seus poemas podem entrar para uma antologia poética destinada ao público infantojuvenil. Percebe-se, que o poeta piauiense possui uma obra que apresenta elementos indispensáveis a uma literatura infantojuvenil, mesmo não tendo a intenção.

Um dos atrativos de sua poesia é a carga de emoção. É admirável como Martins Napoleão ata e reata as palavras, transmitindo sentimentos, que devem ser bem acolhidos pelo leitor criança ou adolescente.

Sua escrita no campo da poesia possui características inerentes, em que há nelas o mais alto sentimento estético, lamentando-se, por conseguinte, o esquecimento da sua produção biográfica, bem como o enorme vácuo na literatura piauiense e brasileira. Todavia, a pesquisa vem mostrar aos estudantes e mestres o valor incomensurável da literatura de Martins Napoleão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINKY, Tatiana; PONDÉ, Glória M^a; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BENEVIDES, Artur Eduardo. *Revista de Poesia e Crítica*, n. 9, Ano VII, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, 1983.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1991.

TITO FILHO, A.; MATOS, J. Miguel de Matos (Orgs.). *Martins Napoleão*. Teresina: EDUFPI, 1994.

GARDNER, Harold. *Inteligências múltiplas*. São Paulo: Siciliano, 1994.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado 1549 – 2003*. Teresina: APL, 2003.

NAPOLEÃO, Martins. *Cancioneiro geral II*. Teresina: EDUFPI, 2003.

_____. Poemas. *Presença*, n. 30, 2003, p. 6. Teresina, 2003,

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios (2003), Martins Napoleão: Neoclássico ou Modernista? *Presença*. Órgão oficial do Conselho Estadual de Cultura e Fundação Cultural do Piauí, Teresina, Ano XVIII, n. 30, p. 12-17, 2003.